



FOLHA INFORMATIVA N° 35-2011

II Jornadas Europeias do Património – Constância 2011

PEDRA SOBRE PEDRA

Uma janela feita de pedra - Do Largo do Pelourinho à estátua de Camões...

“Pedra sobre Pedra” foi a designação do percurso pedestre, realizado no dia 25 de Setembro e integrado nas comemorações do **Dia Mundial do Turismo** e **II Jornadas Europeias do Património**, promovidas pela Câmara Municipal da *Vila Poema*, percorrendo as páginas da sua história escrita em “pedra”.

O Pelourinho marcou o ponto de encontro do grupo de caminheiros.

Resiste desde 1821, substituindo o anterior, que foi destruído durante as invasões francesas.

Reunidos os caminheiros para este circuito mágico, deu-se início à fabulosa descoberta de alguns locais da vila. Constância, situada na confluência do Tejo e do



Zêzere, forma quase uma península. Foi neste espaço restrito que a vila se instalou. De olhos postos nos rios o casario branco sobe encosta acima. Em cada recanto um beco florido, arcos, miradouros...

Sendo Constância a princesa do Ribatejo com dois rios a beijar-lhe os pés, a primeira paragem foi frente ao Tejo...



Zona do antigo porto utilizado pelos “marítimos” e pescadores

Seguiu-se o empedrado da rua e chegou-se ao...



... e a visita à casa designada “O Palácio”, recentemente utilizada em turismo rural.



O “Palácio” visto do Tejo e o seu pátio principal

Daqui se alonga o olhar sobre o Tejo...

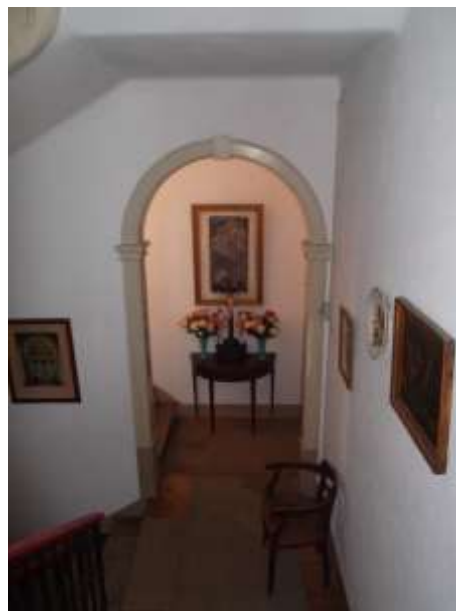


Vista do quintal da casa

“O Palácio” é uma casa do princípio do século XIX. Deve esta denominação ao facto da rainha Dona Maria II aí ter pernoitado aquando da sua visita ao Ribatejo.

A sua proprietária conduz o grupo pelo interior da casa, varandas e pátio...





Escadas de acesso aos pisos superiores, hall de piso intermédio e sala com altar



Crê-se que a origem de Constância remonta ao ano 100 a. C . Povos como os iberos, romanos e árabes terão por aqui passado e deixado vestígios (são conhecidas as ruínas romanas, ainda em escavação, de Alcolobre e Cidade de Escora). Cerca do ano 1150, os cristãos reconquistaram a povoação aos muçulmanos, comandados pelo Lidador da Maia, Gonçalo Mendes. Por volta do ano 1152, o seu castelo foi reconstruído, por ordem do mestre da Ordem do templo, Gualdim Pais, sendo-lhe posteriormente cedido por D. Afonso Henriques em 1169. No século XVI, o castelo é pertença da família Sande, senhores de Punhete (nome antigo de Constância), sofrendo obras mas mantendo a torre. No século XIX, da torre e do palácio já só restavam ruínas. No início do século XX é mandado demolir por ordem da Câmara, em favor da saúde pública, por a zona onde se situava a torre ser considerada um foco de infeções.

As atividades ligadas ao rio, como a pesca e o transporte de produtos e mercadorias foram as principais ocupações da população, até ao início do Século XX. No reinado de D. Pedro I tinha

sido determinado que todo o movimento de mercadorias com destino a Lisboa fosse aqui embarcado. Deste facto, Constância conheceu um forte desenvolvimento económico.

Em Constância terá estado el rei D. Sebastião, por várias vezes, sendo a primeira em 1569 fugindo à peste que assolava Lisboa. Foi este rei que lhe concedeu foral, em 1571, e foi daqui que anunciou à nobreza a sua intenção de embarcar para Alcácer Quibir. Outro nome ligado à história de Constância é o de Luís de Camões, como é sobejamente conhecido e “mote” para outras iniciativas, também elas integradas nestas Jornadas Europeias do Património. Para além destas, muitas outras atividades foram promovidas ao longo do ano, por várias instituições, associações e autarquia, destacando-se a Associação Casa Memória de Camões e a Câmara Municipal.

Constância foi bastante danificada aquando das invasões francesas, sendo posteriormente reconstruída e introduzidas alterações no seu desenho urbanístico. Em 1836 o nome da vila, até então designada de Punhete passa para Constância. A origem do nome ancestral será supostamente *Pugna Tage* que significa combate no Tejo, alusivo ao violento encontro das águas do Zêzere e do Tejo. D. Maria II como agradecimento do apoio que recebera da vila em 1833, em Tomar, deu-lhe o título de “Notável” em 7 de Dezembro de 1836. Esta rainha, como referido anteriormente, visitou a vila, tendo pernoitado no palácio.

A vila possuía dois portos: - o porto da Cova, da casa da Torre, e o porto da Barca, que era público e servia o numeroso trânsito fluvial que cruzava o Tejo.

À descoberta dos rios e das artes a ele ligadas, prosseguindo este percurso de “Pedra sobre Pedra”, chegou-se ao Museu dos Rios e das Artes Marítimas.



O acervo do museu, inaugurado em 1998, é constituído principalmente por instrumentos de pesca e construção naval, miniaturas de embarcações tradicionais, coleções de etnografia e transporte fluvial, e ainda imagens de Nossa Senhora da Boa Viagem.



Deixado o espaço museológico, espera-nos outras ruelas, escadarias, becos e miradouros.



A vila é toda ela um hino em pedra. As calçadas imortalizam, no eco dos passos, o espírito romanesco e poético da alma lusitana. Do património urbano de Constância destacam-se também a casa museu Vasco de Lima Couto, a casa do Tejo dos finais do século XVIII, e a casa de Preates;

Continuando a subir a encosta, chega-se à Igreja Matriz. Do alto, o olhar alonga-se a montante e a jusante do Tejo.





Interior da Igreja Matriz, Igreja de Nossa Senhora dos Mártires

Esta igreja é consagrada a S. Julião, tendo no seu altar-mor, a imagem do santo e de santa Basilissa. Foi construída em 1636, sofrendo bastantes danos aquando das invasões francesas, fazendo dela as tropas de Junot o seu quartel-general.

“A frontaria é dividida em três panos desiguais por grandes pilastras de cantaria, sendo o central rasgado por três portais de linhas retas, o axial de maiores proporções, sobrepujados por três janelas gradeadas e de verga curvilínea. Os dois panos menores apresentam três pequenas aberturas, elevando-se do pano direito a torre sineira, rasgada por ventanas ladeadas por colunas e pilastras compósitas, com cobertura bolbosa e cimalha marcada por acrotérios. A parte central da empena é rematada por uma estrutura de aletas contracurvadas e cruz latina, tendo no tímpano uma minúscula abertura circular.

O seu interior é formado por uma nave única, coberto por um teto de esteira em forma de berço, decorado por uma pintura central moderna, executada por José Malhoa, alusiva a Nossa Senhora da Boa Viagem abençoando a união do Zêzere com o Tejo. Lateralmente, abrem-se diversas capelas com estruturas retabulares setecentistas, repousando sobre os pilares destas esculturas de mármore os quatro doutores da Igreja, respetivamente, S. Jerónimo, Sto. Agostinho, S. Gregório Magno e S. Tomás de Aquino. Nos altares laterais expõem-se diversos santos do barroco setecentista, em madeira policromada e estofada, destacando-se as imagens de Nossa Senhora da Boa Viagem, de Santa Rosa, de S. Miguel e de Nossa Senhora da Piedade. O púlpito, com o seu alto dossel bolboso, é uma composição equilibrada e o órgão de tubos é uma obra datada de 1827 e realizada pelo mestre Xavier Machado e Cerveira. De

grandes proporções e coberta por uma abóbada de berço, a capela mor apresenta um rico revestimento de embutidos em mármore negro e branco, solução artística própria dos finais do século XVIII”, in <http://www.infopedia.pt/Sigreja-matriz-de-constancia>

Constância possui outras igrejas, consideradas imóveis de interesse público, tornando a vila bastante interessante também sob o ponto de vista do património religioso.

Começando a descer para a zona mais baixa da vila, iremos visitar a Igreja da Misericórdia, construída no século XVII. Entretanto, o nosso olhar deleita-se pela vila...







Neste dia abrasador, intensifica-se o contraste entre o verde da folhagem e o branco do casario.



Painel de azulejo representando a vida quotidiana na Praça do Pelourinho, ou Praça Alexandre Herculano

Na zona mais baixa da vila, encontra-se um templo seiscentista. É a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires. *“A data de 1696, inscrita no portal, corresponde possivelmente à sua conclusão. De pequena dimensão, apresenta uma fachada simétrica e harmoniosa, sendo o portal encimado por um gracioso nicho que acolhe a imagem da Senhora da Fé. O interior é completamente forrado a azulejos de meados do século XVII, de extraordinária beleza, em especial os que adornam o púlpito de pedra. Notável é também o retábulo em talha do altar mor, também do século XVII, cujo dourado desapareceu com o tempo, e o escudo de armas de D. Pedro II que reinava em Portugal quando a igreja foi concluída. Merecem ainda destaque as imagens do Senhor da Misericórdia, da Senhora da Fé, de Santa Luzia e do Senhor dos Aflitos, bem como as seis telas provenientes dos antigos Passos que existiram na vila até à*

República. No chão alinham-se 24 túmulos, numerados, preenchendo todo o espaço reservado aos fiéis. A Igreja, que serviu de matriz entre 1811 e 1822, teve anexo o Hospital da Misericórdia. Foi classificada como imóvel de interesse público em 1978”, in www.cm-constancia.pt/pt/conteudos/Concelho/Patrimonio/Patrimonio%20Religioso/Património%20Religioso.htm



Interior da Igreja da Misericórdia

“Pedra sobre Pedra” terminou junto à estátua de Camões, uma estátua da autoria do Mestre Lagoa Henriques, colocada junto ao jardim horto do poeta, o qual ainda iremos visitar neste dia.

À chegada, a satisfação era enorme e reinava o entusiasmo. Percorrer a pé as ruas, becos e escadarias, conhecer o “Palácio” e as Igrejas da vila, além do Museu dos Rios e Artes Marítimas que muitos do grupo desconheciam, foi enriquecedor e apaixonante. Aqui em Constância a terra emite um apelo especial. Um apelo sentido que sobe pela pedra do chão, que se eleva nas copas das árvores, que sussurra entre a folhagem dos salgueiros. Quem o ouve não o esquece. Prende-se à terra, à sua poesia, ao seu encanto e deixa-se seduzir. Abraçada na confluência dos rios, Constância também abraça e envolve quem a visita. Liga-nos com laços súbitos e duradouros. Por isso, quem parte à sua descoberta, há de sempre cá voltar. E há tanto para oferecer...

Estas pedras são pedras com história, pedras que falam história e pedras que retratam a história do lugar. Ao deixarmos Constância, vamos mudados, tocados por tamanha beleza. Só mil histórias e mil imagens nos ocupam o pensamento. E outras se seguirão. Constância é uma fonte inesgotável de beleza, harmonia e poesia.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o Mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Luís de Camões

Ana Paula Pinto e Carlos Vitorino